

Resenha do livro

VIVA A COMUNA DE PARIS

Pierre Leroy

A COMUNA DE PARIS COMO PRETEXTO

Carlos Henrique Marques*

Já que é impossível no contexto do capitalismo *um ser humano onilateral, integral, então sejamos, pelo menos, revolucionários!*

Pierre Leroy

O livro *Viva a Comuna de Paris*, de Pierre Leroy¹, é curioso por ser diferente de tudo que já se escreveu sobre essa experiência heroica do proletariado parisiense. Já era de se esperar isso para quem já leu as demais produções desse autor, caracterizado por uma escrita envolvente, romântica, engajada, categórica, crítica, utópica, o que lhe confere um estilo próprio. A Comuna de Paris está no título e na obra, mas há algo mais do que isso e essa experiência revolucionária do passado emerge e aparece, mas como pretexto para analisar a época presente e sua relação com a revolução do futuro e com a utopia.

Isso quer dizer que a referida obra tem um duplo caráter, que se revela no seu próprio título: Viva a Comuna de Paris! O título, como ponto de exclamação revela um duplo caráter: por um lado, é uma saudação, uma homenagem, da mesma forma que se afirma “Viva a liberdade!”. Porém, há um outro sentido, que é o convite para “viver hoje” a Comuna de Paris. No primeiro caso, é uma celebração e, no segundo, uma recomendação. O autor, no início da obra, que seria sua “introdução”, mas ganha um nome distinto (“Viver a Comuna de Paris!”) explicita isso ao afirmar que “a presente obra é uma saudação e um convite”. O momento da saudação é quando ele trata, efetivamente, da Comuna de Paris como acontecimento histórico extraordinário e o momento do convite é quando ele relaciona essa experiência revolucionária com a nossa vida atual, cotidiana, a luta atual pela revolução proletária. Nesse sentido, “Viver a Comuna de Paris significa trazer a Comuna para nossas vidas cotidianas e contemporâneas e revivê-la, restaurá-la,

* Doutor em Sociologia pela UnB (Universidade de Brasília); autor do livro “*O que é comunismo?*” (Goiânia: Ragnatela, 2024)

¹ LEROY, Pierre. *Viva a Comuna de Paris!* Goiânia: Edições Enfrentamento, 2021. Essa obra é parte da coleção de livros da Edições Enfrentamento dedicada à Comuna de Paris, contendo obras emblemáticas sobre essa experiência histórica, tais como as de Marx, Bakunin, Lefebvre, entre outras, mas também obras menos conhecidas, bem como a coleção deve publicar obras contemporâneas.

renová-la!” (p. 7). E o autor alerta: quem for ler essa obra, leia com os olhos do futuro! Uma obra sobre o passado que trata do futuro, eis uma síntese de tal texto.

E como o autor faz isso em sua obra? Mostrando que quase tudo que existe hoje (os exemplos são inúmeros, desde ideologias como keynesianismo e neoliberalismo, passando por elementos da vida cotidiana, até chegar em coisas mais permanentes da nossa sociedade, como os líderes e os capitalistas) vai “se transformar em poeira!” (p. 9). Segundo Leroy, “o olho do futuro pode olhar o hoje a partir da perspectiva do amanhã” (p. 9). E o autor lança mão da “razão dialética” e da “imaginação revolucionária” para colocar como efetivar esse processo de olhar o passado e o presente a partir da perspectiva do futuro. O passado e o presente se tornam históricos, passageiros e não fixos.

A sua interessante crítica ao situacionismo, discussão sobre juventude², seus questionamentos ao anarquismo, feminismo e ideologia da identidade, são apenas um dos elementos abordados. As suas reflexões sobre os revolucionários, entre outras, constam da “introdução” da obra, que pouco trata da Comuna de Paris, mas elas discutem os falsos revolucionários (incluindo “figuras exóticas” como os “radicais chique”, “anarquistas de boutique”, “jovens rebeldes” e “pseudoconselhistas”, entre outros, tal como ele coloca) e outras questões contemporâneas. Essa longa “introdução” trata mais do hoje do que da Comuna, que, no fundo, aparece apenas como pretexto para discutir os dilemas da contemporaneidade e do projeto revolucionário.

Nos demais capítulos a Comuna se encontra mais presente. Mas, mesmo nesse caso, a contemporaneidade e seus dilemas também. No capítulo sobre “os bandidos da Comuna”, Leroy começa afirmando que a versão burguesa da Comuna de Paris está correta e que nem sempre a burguesia erra. “Os comunardos foram acusados de serem ladrões, bestas imundas, bandidos, pervertidos, patifes, desclassificados, covardes, cruéis, destruidores da família, etc.” (p. 53). A burguesia está certa no sentido que os comunardos eram bandidos, pois estavam “fora-da-lei”. E nesse contexto, o contemporâneo reaparece ao criticar Raoul Vaneigen em sua obra “*Nada é Sagrado, Tudo pode ser Dito*”, pois este autor é “o alter ego do politicamente correto!”, que também não é poupado da crítica: “o

² Uma de suas afirmações categóricas provoca a reflexão e o entusiasmo revolucionário: “a perspectiva juvenil é limitada! É por isso que a perspectiva revolucionária não é juvenil. Não é a revolução que deve descer ao nível da juventude, mas a juventude é que deve se elevar ao nível da revolução!” (p. 25). O autor apresenta a ideia de que a juventude é uma “criação capitalista” (e não poupa ninguém de suas críticas), o que coincide com outros autores que defendem tese semelhante, como Georges Lapassade, Guy Avanzini e Nildo Viana. O autor não poupa ninguém da crítica, não se limitando ao situacionismo e juventude, pois inclui certos adultos: “o adulto rebelde é alguém que não cresceu, estagnou na juventude. Um adulto cansado e nostálgico é um velhaco” (p. 27). E o autor consegue produzir efeitos cômicos com suas afirmações categóricas, tais como esta: “que se dane a juventude!” (p. 28).

moralismo dos censuradores e o moralismo dos liberadores são duas faces da mesma moeda” (p. 59).

No capítulo sobre “os heróis da Comuna”, se inicia com uma discussão sobre a figura do herói. Não falta ironia em relação aos “heróis por um dia”, “heróis por acaso”, heróis criados pelos meios oligopolistas de comunicação. Um desfile de heróis aparece: Darwin, Pancho Villa, Zapata, Cristo, Spartacus, Machnó, Varlin. E, como não poderia deixar de ser, os comunardos. “Uns mais heróis do que outros, mas, em geral, heróis. Fizeram sacrifícios, mostraram determinação, coragem, alguns deram a vida pela Comuna” (p. 64). Leroy critica aqueles que procuram na Comuna um herói individual para se vangloriar, seguindo o individualismo burguês, mas destaca os heróis anônimos que formaram o herói coletivo da experiência comunarda.

No capítulo “os operários da Comuna” se discute a questão do movimento operário e o caráter revolucionário do proletariado. Aqui, novamente, o ontem (operários comunardos), o hoje e o amanhã se encontram. Não é sem motivo o fato de ser o capítulo em que Marx é mais citado, pois numa discussão sobre os operários não poderia ficar de fora o teórico do proletariado. Na parte final do capítulo, Leroy afirma que “Paris não era só de operários”, pois “esses estavam lá e foram a *força inspiradora, hegemônica, catalisadora*, mas tiveram inimigos internos e os aliados, apoiadores, inclusive de outros países” (p. 75). O proletariado parisiense foi apoiado por mulheres não-proletárias (além, obviamente, de ser composto por operárias), artistas, intelectuais, etc. “A efervescência revolucionária atraiu para a luta proletária vastos setores da população parisiense” (p. 75). Assim, a Comuna foi “o primeiro esboço da utopia autogestionária” (p. 76). Esse é o capítulo no qual Leroy mais se volta para o caso específico da Comuna de Paris.

No capítulo “os erros da Comuna” há uma interessante discussão sobre o erro. Os ditos populares são retomados: errar é humano, todo mundo erra, etc. Isso revela, segundo o autor, o caráter individualista da sociedade capitalista que focaliza os erros individuais e não os erros coletivos. Uma reflexão sobre essas duas formas de erro emerge. Leroy também cita certos erros atribuídos aos comunardos que são frutos de “erros interpretativos”. O erro interpretativo inventa erros inexistentes. Esse foi o caso, segundo o autor, de Lênin e Trotsky. Eles produziram erros interpretativos burocráticos. “O que os burocratas querem? Burocracia! O que faltou, segundo eles, na Comuna? Burocracia!” (p. 81). A questão do capitalismo estatal e da burocratização são lembradas para tratar da interpretação dos erros dos comunardos pelos “porcos burocratas”. E assim Leroy solicita aos porcos burocratas voltarem para os seus chiqueiros, pois a revolução não precisa de

burocracia e sim de autogestão. O autor, no entanto, não apenas critica a invenção de erros, mas aponta os erros realmente cometidos pelos comunardos e, nesse contexto, cita a transformação da necessidade e do provisório em virtude e algo permanente, o erro do sexismo e o erro oposto do feminismo, etc. Ganha relevância, devido aos processos contemporâneos, a declaração “nem sexismo, nem feminismo! Pela libertação da mulher!”; “mulheres se libertem! Se libertem inclusive do feminismo!” (p. 89). A questão da mulher é mais ampla e profunda, é uma questão do ser humano em geral. “Não basta trocar de amos e não interessa o sexo dos amos, o que interessa é abolir a existência dos amos! Os amos negam o amor e o amor nega os amos!” (p. 89). Assim, o autor conclui que existiram erros na Comuna e que devemos aprender com eles ao invés de realizar sua repetição.

Por fim, no último capítulo, que é na verdade a conclusão da obra, intitulado “a vitória será sua herança”, se inicia por uma autoanálise, afirmando que a obra não é perfeita e que contém ausências, como, por exemplo, uma análise histórica e de questões pontuais, bem como do processo de luta, etc. Mas o autor afirma que não era esse o objetivo e que isso foi avisado na introdução. A Comuna de Paris foi derrotada, mas, ao mesmo tempo, foi vitoriosa! A sua vitória foi sua herança (sua experiência, seus ensinamentos, seus esboços de abolição do estado e instauração da autogestão, etc.) e sua herança é a vitória, a sua força inspiradora de novas tentativas revolucionárias e do projeto autogestionário.

Assim, a leitura da obra de Pierre Leroy é interessante, envolvente, inspiradora, motivadora. Ela traz algumas reflexões sobre a Comuna de Paris, mas muito mais sobre o mundo presente a partir da perspectiva do futuro que, com o estilo próprio do autor, traz, para quem concorda com ele (para os demais deve ser um sofrimento e fonte de irritação), momentos de alegria, esperança e de alguns risos. Não se trata de uma obra histórica ou teórica sobre a Comuna de Paris e sim uma reflexão geral sobre a Comuna que emerge também como pretexto para discutir questões contemporâneas e a utopia. Nesse sentido, a sua obra reproduz o significado da Comuna de Paris, a sua atualidade, que é ser alimento que reacende a chama revolucionária. A obra, enfim, cumpre com seu objetivo e traz uma discussão breve e diferente sobre a Comuna de Paris, colocando-a no âmago da realidade contemporânea com seus desafios e problemas, bem como com sua perspectiva de superação e constituição de uma nova sociedade, a sociedade autogerida.